

*A Poesia é a casa do sublime.*

*Fernando Hilário mora nessa casa para dançar e cantar, pelos dedos das mãos, a poesia.*

*E assim a poesia se faz árvore no campo onde crescem as palavras, as formas e as cores das palavras.*

*É um campo aberto aos ventos, ventos corados de mensagens misteriosas, tudo com raiz nos sonhos.*

*Nos sonhos navegam barcos carregados de estrelas que voam nas asas dos peixes, por entre as pedras, à procura da foz.*

*A foz é sempre um princípio do outro lado da terra onde o mar descansa numa praia quente logo que amanhece.*

*No alvorecer, desse outro lado, levanta-se a “Exposição da Luz”.*

*Fui de encontro à “Exposição da Luz” e só parei em Figueres, no ventre da Catalunha, à procura de Dalí.*

*Logo voltei, prisioneiro da “Luz,” e fui subindo a encosta por onde as pedras resinam aromas que inebriam...*

*Fernando Hilário é professor.*

*Não professor de ensinar, de perguntar, de empanturrar tretas num casulo, numa jaula, num tonel donde possam espichar lérias que se acomodam no aconchego de amáveis cerimónias.*

*Fernando Hilário é professor, é sempre professor de aprender libertação, de descobrir as flores e os frutos que germinam nos anseios.*

*Professor de fazer sentir que a tona encobre e esconde a prenhez dos futuros por onde as leivas do saber viver, deixam escorrer o sangue e a água, com sabores a mel de encontros fecundos. Sempre fecundos encontros.*

*Lá, nos acasos futuros, haverá uvas e amoras, mas também haverá regos com lágrimas de sal e de azedos desencontros.*

*E porque aprender é uma busca insaciável, Fernando Hilário é clamado.*

*E entrega-se ao abandono noturno, porém... sempre luminoso.*

*E escreve na brisa. Um nome brando.*

*E também branco para ser leve.*

*E branco enquanto presença de tudo e de tudo ausência.*

*Em “A Exposição da Luz” há dois corpos que fazem um corpo onde o autor vive, esmorece e desfalece.*

*Quase sempre à procura de ser criança para renascer.*

*Fernando Hilário dá toda a razão à sentença de Bernard Shaw : “quem sabe faz; quem não sabe ensina”.*

*Refugia-se no seu cenóbio, em Vilar do Monte, e no seu horizonte largo (embora o céu seja igual para todos os mortais...) entende os pássaros a giesta e os grilos, sempre cercado de celestes silêncios.*

*É o silêncio dos eleitos.*

*Aí tudo é poesia e o poeta colhe e organiza materiais, que a natureza oferece, para edificar o poema.*

*Em Fernando Hilário o poema cresce pela pintura, pela escultura, não sei se pela arquitetura, e ainda, de forma estonteante, pela literatura.*

*É uma tormenta holística trajada de formosas e sedutoras sinestésias.*

*Então, aprender é um mergulho na aventura do desconhecido à procura da descoberta.*

*Que sempre a linguagem, qualquer linguagem, é um veículo mensageiro, carregado de sinais, entre emissor e recetor.*

*Todos vivemos nesta malha tecida de sinais naturais, sinais culturais ou convencionais que fazem passar conceitos e noções, sentimentos e informações, ternuras e azedumes, amores e ódios entre os viventes.*

*E digo entre os viventes porque, pessoalmente, muito pessoalmente, estou convencido que também as plantas, as flores e os frutos recebem mensagens nossas, tal como falam connosco.*

*Ou não será verdade que as rosas nos convidam a gozar do seu perfume, como os pomos nos salivam para os saborearmos?*

*Saberemos nós, todos nós, que as flores engravidam? E engravidam com loucuras ocasionais dum ato seminal. Depois da prenhez, o carpelo dilata-se, qual ovário materno, para ser fruto.*

*E no fruto encontramos a semente que vai reproduzir e continuar a espécie.*

*E a semente, qual criança nascitura, encontra no metacarpo do fruto o leite materno enquanto não lhe crescem raízes para o alimento adulto...*

*Estou a exceder-me de entusiasmos ante a mãe natureza!!!*

*É agora tempo de chegarmos “A Expansão da Luz”*

*E como diria Vinícius “Saravá”, Fernando!*

*A poesia é um estado mental.*

*A poesia faz-se poema tomando substâncias.*

*E assim, conforme as substâncias, é que o poema se conforma, se disforma e se transforma, e vai abrindo para a descoberta ...*

*Que o poema tem um corpo.*

*Um corpo material, urdido e tecido, na imprevista forma, composto nos fios da teia verbal que gera infinitas leituras racionais e provoca inefáveis prazeres onde o racional não consegue ter acesso.*

*Sempre os sentidos se perturbam e transtornam na aproximação ao texto poético.*

*O leitor entra, procura entendimentos e, ora se arrepia em profundas confusões, ora se deleita no devaneio maviosamente sensual, inconsistente e inefável.*

*Nunca nos devemos definir e prevenir de comportamentos perante o poema.*

*Jamais nos devemos armar de (pré) conceitos para sorver o poema.*

*O poema inebria. E enquanto inebria tanto provoca o desatinado choro, como nos transporta para a irrealidade incontrolável dum cosmos surreal que só pode desaguar numa madrugada de muitas primaveras em tempo de outono.*

*Como o poema é perverso... Oximoricamente perverso: e isto não é fala de Pessoa... Ainda que pareça... (Sempre obrigado, Fernando Pessoa)*

*Voltemos, ainda e sempre, ao corpo do poema, porque é sempre nos corpos que encontramos a expressão sensual. Entremos no corpo como num templo.*

*Deixemos também que o poema entre para dentro de nós. E que o poema venha para entrar, e queira entrar... de preferência, ao contrário dos costumes.*

*Então o poema é mais moço. E porque é mais moço e jovial, E então será novo.*

*E só a novidade é atraente... é por isso que o poema atrai, encanta e seduz...*

*O corpo do poema é já um jogo fânico, uma mescla holística e global de linguagens (des)organizadas por símbolos que comandam e presidem a um jogo alegorético donde fugiu todo o entendimento literal.*

*O real extraviou-se e naufragou.*

*Nesta fanopeia do poema (a epifania... a revelação) entramos na rosa dos ventos donde se abrem todos os nortes, mas onde se perde o seguro dos sentidos.*

*Porque no poema tudo é diverso e ocasional.*

*Porque no poema tudo é circunstância e oportunidade...*

*Porque no poema tudo é (in)destino...*

*Nesta paragem veloz e árida, de água e sonho, de mel na fenda que verte e suga, o poema produz e oferece todas as polissemias.*

*E o poema sobe, sobe, sobe, como um drone obra de Stephen Hawkins, para tocar a intangível intemporalidade.*

*Todavia, no poema desta língua nossa, sempre o poema se veste de palavras.*

*E as palavras têm marcas e parentes. As palavras saem de famílias com origens e estirpes, com maternidades e paternidades.*

*Por vezes de famílias bem compostas, de elite, com raízes nobres.*

*Outras vezes com fardas coçadas de ocasiões pretéritas e feridas... com moléstias operárias...*

*Sempre há palavras elegantes e certeiras que viajaram de iate até ao destino.*

*Mas também há palavras outras, marinheiras e travessas, colhidas na acostagem dum porto ocasional perdido nos mistérios de todas as "Áfricas"...*

*Todavia, todas as palavras carregam sentidos, talvez surreais sentidos, a desaguar numa foz exótica a escorrer virtudes e vícios. Indistintamente.*

*E nessas significâncias nos enredamos.*

*O poema nunca se explica.*

*Explicar o poema é matar o poema.*

*O poema é sempre um secreto amante de cada leitor.*

*A poesia foi um tormento silencioso para o poeta que com um nastro complexo a enlaçou no poema.*

*O poema agora escapa-se ao poeta e vai perverter os leitores.*

*Nunca nenhum leitor pode temer a poesia.*

*Todas as deusas os deuses bonitos da História nasceram da poesia.*

*Neste devaneio à procura dos poemas*

*encontrei Octávio Paz, que ralhou comigo.*

*Ralhar é bom. Rima com amar.*

*É gritou-me que a poesia recusa este mundo e cria outro.*

*É pão dos eleitos; alimento maldito.*

*É oração, litania, epifania e presença.*

*É esconjuro, exorcismo, magia, sublimação do sonho e do inconsciente.*

*É expressão histórica de todas as raças.*

*Nega as nações e resolve os conflitos.*

*Com a poesia nunca haveria guerras.*

*A poesia regressa à infância, ao coito original.*

*Abre e confunde o paraíso com a nostalgia do inferno sob um céu de limbo, ainda azul, ou ingenuamente branco.*

*É música, sempre música de dançar com todos os povos. Porque na poesia tudo é sagrado.*

*Vamos amar os poemas.*

JCR